o final de análise e o passe

passe sem fim?

PIERRE BRUNO

MEU OBJETIVO é examinar a distância entre passe e fim, o que implica que não os faço coincidir. Entretanto, considero o passe como condição de fim, pelo menos de um fim psicanaliticamente satisfatório. Essa distância não é métrica. Em outras palavras, traduzida em termos de unidade, ela é muito variável. Direi apenas que, com relação ao passe, esse fim necessita de mais uma rodada.

1

Estamos em 1967, nos meses de outubro (*Proposição de 9 de outubro...*) e dezembro (*Discurso na EFP*). Parece-me difícil negar que, nesses dois textos de referência, o passe é apresentado como equivalente do fim ou, mais precisamente, como um atravessamento cujo movimento produz o fim. Cito, por exemplo, o *Discurso à EFP*: "o passe é o ponto onde, ao ter chegado ao fim de sua análise, o lugar que o psicanalista alcança em seu percurso, a pessoa dá o passo para consegui-lo".

A expressão *chegar ao fim de sua análise* não se presta a contestação. Quanto ao passe, consiste na passagem de analisante a analista. Essa passagem não se confunde com se estabelecer profissionalmente. Não isenta nem da demanda nem da passagem ao ato. É um ato pelo qual, ao cometê-lo, o sujeito entra na falta. Falta de quê? De saber, enquanto sujeito, supor o que ele será a partir do que o determinou a ser tal como é. Entre saber e sujeito existe doravante uma distância irredutível, que podemos chamar de liberdade da castração. Mas, nessa passagem, há também uma outra dimensão: a desativação da análise como causa do desejo do analista. Lacan diz que a transferência, enquanto instituição do sujeito suposto saber, fica resolvida. Eu diria, para não queimar etapas, que a neurose de transferência fica resolvida na medida em que impede o ato (cf. a análise, realizada por Lacan, da suspensão da inibição em Hamlet).

Portanto, o passe é o que separa a falta e a perda. O sujeito pára de gozar com a perda, isto é, de gozar com a castração. Existe um vazio na biblioteca e nenhum livro, em parte alguma, para preenchê-lo — e ademais, nenhum autor, mesmo por vir.

Com o passe, temos uma aquisição definitiva. Todavia, nesses textos de 1967, uma leitura atenta nos adverte de algo que já dialetiza essa aquisição, que nos permite superá-la, como se deve, pois oferece meios de não congelar em doxa essa aquisição. Como demonstração, basta citar outra frase, extraída da *Proposição*, em que Lacan fala da psicanálise em intensão para observar "que ela não faz mais que preparar operadores", ou seja, produzir analistas, e que "sua razão de ser" é "constituir a psicanálise como experiência original, é conduzi-la ao ponto em que se afigura a finitude para permitir o *après-coup*, o efeito de tempo que lhe é radical".

Observemos que Lacan já havia aplainado o terreno, mostrando reserva diante de algumas falsas saídas (*acting out*, hipocondria e, sobretudo, hipomania transitória consecutiva à expulsão do objeto), e recusa, nesses mesmos textos, o fim apenas "aparente", que constitui o "advento do desejo". Mas, com o passe, trata-se de uma mudança de método para avaliar o fim. Na experiência do tratamento, o fim deve ser julgado pela ocorrência de *uma experiência distinta do tratamento*. Esse ponto é decisivo, pois posso adiantar que é na experiência do passe que se manifesta a distância entre passe e fim no tratamento.

Sendo assim, se o passe é "o ponto que (...) figura a finitude" de uma experiência psicanalítica, convém deduzir que a própria expressão usada por Freud suscita certa reserva sobre a acessibilidade dessa finitude. Tocamos no problema colocado por Freud, do *Unendlich* (o infinito) na psicanálise, problema ao qual Lacan dá novo relevo quando evoca Cantor — que numeriza o infinito ao inseri-lo num cálculo. Por outro lado, ainda a respeito da questão da distância, o passe é definido como permitindo um *après-coup*. Haveria portanto, literalmente, um fim depois do fim. Lacan diz explicitamente, e repete em *L'étourdit*, que a paz só vem no *après-coup*... selar o atravessamento do passe. Não creio que tenhamos esgotado o potencial desse conceito de *après-coup*, que toca profundamente a relação entre a topologia e o tempo. Seria uma visão desvirtuada só considerar o fim como o *après-coup* do passe? Não acredito, absolutamente.

Por motivo de tempo, não posso falar muito mais sobre o *après-coup*, salvo o seguinte: seja qual for o encontro com o gozo enigmático do Outro, só produz trauma no momento em que repercute no do sujeito. No intervalo, o único canal de transvasamento é a palavra (não há *après-coup* nos animais, nem mesmo num animal doméstico). Assim, qual é essa minha leitura da palavra do Outro que permitiu esse transvasamento? É,

definitivamente, o único saber ao qual se trata de aceder num tratamento. Esse saber é extremamente difícil de se apreender porque, como podem observar, é infinitamente mais fácil lembrar aquilo que o Outro disse do que aquilo que eu disse — no ponto em que eu o disse. Mais radicalmente, o que eu disse deve ser construído naquilo que eu digo, pois, definitivamente, se a rememoração falta, é porque eu não disse nada. Por quê? Porque falar, para o sujeito, é sempre um traumatismo.

2

Por ora, deixemos esse assunto de lado.

Vou retomar a questão a partir de uma experiência de passe da qual participei como membro de um cartel (aqui mesmo, no Brasil, com o honroso título de êxtimo). Nesse cartel de que participei, tínhamos que julgar 35 testemunhos de passantes, recolhidos e transmitidos por dois passadores. Sabendo-se que a comissão do passe já havia procedido a uma seleção e descartado aproximadamente 50% dos candidatos, e sabendo-se que nomeamos dois A.E., significa que dois dentre 70 foram nomeados. Abstenho-me de comentar essa estatística, e até já falei demais. Quero apenas sublinhar que o testemunho dos passantes foi manifestamente pré-formado por uma exigência, atribuída à Escola, de precisar convencer o cartel de que eles haviam finalizado, uma insistência suspeita, que os levou a não dizer grande coisa nem do passe, estritamente falando, de analisante a analista, nem da transferência, e a mentir por astúcia, omitindo, ou minimizando, o retorno do gozo pela via do sintoma. Dessa experiência, que não deixou de ser muito frutífera, extraio uma conseqüência: como, se é que é possível, se precaver contra a utilização do passe como *super-Outro*?

3

Como? Apostando na pesquisa, mesmo naquela que não encontra nada. Temos algumas proposições.

– Não existem dois passes. O que ocorre no tratamento não toma a forma do procedimento que permite julgá-lo. Sem esse exame público, a união intensão-extensão não tem lugar e a psicanálise fica desarmada diante do *Mal-estar na civilização*. Não se trata de substituir o tratamento pela vida associativa (entenda-se: a sessão pela conversa) mas de se estar atento a esta questão: como podemos propor que o outro seja sujeito no tratamento se, fora do tratamento, persistimos em considerá-lo menor? Um A.E., entre outros, deve responder.

– É fato que vários A.E. retomaram, depois da nomeação, o caminho de analisante, inscrevendo factualmente essa distância de que falei, entre o passe e o fim. Então, o que foi atravessado? O que restava a fazer?

Vejamos a primeira questão.

Parece-me que podemos definir o atravessamento como a separação entre a castração e o gozo que permanece intratável, entre (-j) e *a*, para mobilizar os matemas tão preciosos e tão legíveis de Lacan. Em outras palavras, a aporia freudiana é superada por um *Witz*. O *até o extremo da castração* é uma fantasia de neurótico ou um delírio de psicótico. O sujeito só assume sua divisão ao consentir nessa perda pura[1] pela qual ele saberá, daí por diante, que não pode reger todo o gozo pela lei. Nesse ponto, e é isso que o comprova, ele pára de gozar com a falta. Observo, de passagem, que essa trajetória é anti-pascaliana, pois Pascal, que teve a genialidade de calcular a perda do gozo, concluiu seu cálculo recorrendo a uma integral: a transcendência de Deus.

[1] *Em perda pura*, segundo a expressão francesa *en perte pure*, ele teimará em se castrar. É o que Lacan diz de Marx.

Até agora, apenas formalizei as aquisições já arroladas. Mas isso não basta para se manter a distância entre o passe e o fim. O passe é o momento em que o sujeito se coloca, pela primeira vez, a questão de saber se o gozo que ele empresta ao agente da fantasia não é alimentado por ele mesmo, e se o pai gozador não é a marionete que ele manipula. Para recorrer a uma metáfora atribuída a Lacan, mas um pouco alterada, o analisante antes do passe é um sujeito arcobotante, do exterior, em oposição ao gradil do Obelisco da Place de la Concorde. E ele pede ao Obelisco que o liberte. O passe é quando ele dá a volta.

Então, que resta a fazer?

– O passe se afirmaria como fim se se tratasse somente de constatar um gozo intratável. O problema é o retorno, depois do passe, sob a forma de sintomas. Para o homem, a mulher refaz o sintoma, às vezes suscitando traços de perversão. Para o homem e a mulher, a fobia volta a fazer sintoma. Essas especificações, que têm seus motivos, não excluem uma ou outra antecipação de gozo no riquíssimo jogo do I, S e A (inibição, sintoma e angústia). Temos então uma questão e também uma resposta: a identificação com o sintoma não é o único meio de arrumar esse gozo face ao que o simbólico declarou ausente.[2]

[2] Aqui, a questão do pai real. Inclusive a da extração de um ponto de humanidade no pai. Segunda questão: a da relação entre gozo intratável pela castração e gozo suplementar.

– O fim só é obtido percorrendo na contramão o conjunto de transvasamentos de gozo, do gozo do Outro ao do sujeito, que compõem a fantasia. Digamos que depois da recusa das identificações imaginárias e da elucidação das identificações simbólicas, trata-se de operar, desta vez até o fim, a virada da

identificação primária. Vemos que, se o passe acontece no ponto em que o sujeito prova o limite da identificação simbólica, o trajeto para o fim só começa depois da constatação de que o caminho está impedido.[3]

Durante todo o tempo por vir, ou seja, a distância entre o passe e o fim, existe o risco de escorregar:

– Para o sujeito, após o passe, o risco de se tomar pelo obelisco: escolha da mania, do oblativo, da identificação com o analista, o "asno-na-lista" (*l'âne-à-liste*), que ele será, incluindo-se aí a relação consigo mesmo.[4] É o risco que, a meu ver, Lacan assinala quando evoca o primado totalmente concedido ao inconsciente, e a crítica necessária desse primado por uma "contra-análise".

A outra eventualidade que pode se apresentar para o sujeito entre o passe e o fim é a necessidade de contar com o nome próprio para firmar sua identificação com o sintoma. É a tese de Lacan a propósito de Joyce: primeiro ele se descobre livre do assujeitamento à fantasia masoquista para a qual foi convidado — o momento do passe — e, em seguida, se dedica a glorificar seu nome por meio de sua arte. Assim, estando o masoquismo descartado, resta seu gosto pelas calcinhas manchadas de Nora, o que é um traço de perversão.[5] Para que não haja mal entendido, acrescento que esse recurso ao nome não se confunde com a escolha de normalização edipiana que pode se apresentar antes do passe e abreviar a análise sobre a base de um primeiro resultado.

Concluindo, para propor duas últimas observações sobre o fim, lembro a desvalorização de gozo que produz um despertar. É apenas pelo sentido, o que implicaria ser o bobo do pai? É patente que o sentido está em parte ligado ao nome, que por si só implica o pai. Em 1977, Lacan indica outra saída no "*tour de force* do poeta", mais além do sentido e da significação (da palavra plena e da palavra vazia). Lembro, por fim, o desaparecimento da fobia, isto é, o fato de que, por não ser representado quando ele fala, não angustia mais o sujeito. A que ele se apega então, senão a um incastrável. Mas a um incastrável que não tem mais possibilidade de seduzir por amor porque não é um pai, mas apenas um pedaço do real.



[3] Cf. I. Morin.

[4] Que um vivente se tome por não-vivente (o Obelisco), não é o cambismo invertido do pai morto se tomando por vivo (pelo fato de saber?). Impossível que funda a exceção do pai real.

[5] Marguerite Duras: *plus d'oeuvre*!!